

Cultura e Letteratura

Portella, intelectual do nosso tempo (e de outros tempos)¹

CARLOS GUILHERME MOTA

SUA BIOGRAFIA por certo se presta a controvérsias, pois desde suas simpatias a algumas ideias tropicalizantes de Gilberto Freyre e, mais tarde, de Jorge e James Amado,² a atuação (lúcida e firme, de resto) no governo Figueiredo, mas sobretudo uma constante reposturação anticonvencional para pensar o Brasil, colocam-no distante das chaves conhecidas e esquemas estabelecidos na desconstruída ordem cultural brasileira. Inquieto em tempo integral, Portella tornou-se um dos críticos mais consistentes da literatura entendida *apenas* como expressão da sociedade, um intelectual em movimento constante, que não se deixa emoldurar ou aprisionar como personagem de um quadro que ainda não está pintado. Ele é uma figura, ou melhor, um tipo-ideal de nossos tempos plurais.³ Tempos brasileiros.

Alguns de seus interlocutores e companheiros de ofício já delinearão as linhas gerais de sua formação e de seu percurso, como Barbara Freitag, Carlos Sepúlveda, Leodegário de Azevedo Filho, Sergio Paulo Rouanet, Eduardo Prado Coelho, Domício Proença Filho, Ivan Junqueira, Marco Lucchesi, Márcio Tavares D’Amaral. Depoimentos sobre sua personalidade os conterrâneos baianos Jorge e James Amado já o fizeram. De sua geração e dos tempos de Recife, o pernambucano Vamireh Chacon, historiador e cientista político, produziu o belo ensaio sobre sua formação e influências intelectuais, sob o título *Eduardo Portella: uma proposta geracional* (cf. Nejar et al., 1985, p.173-7).

Mais tarde, Tristão de Athayde, que praticamente o lançara no seu famoso artigo “Crítico ao Norte”, ao comentar a saída de Portella da pasta da Educação e Cultura, substituído por um militar, definiu-o em seu artigo “Queda para cima” como “um intelectual da mais alta linhagem”: o “caso Eduardo Portella entrou para a história do humanismo brasileiro” (Tristão de Athayde, 1985, p.154). Com efeito.

* * *

Paris: viagem além do horizonte conhecido

“Chamo experiência uma viagem ao término do possível do homem. Cada um pode não fazer esta viagem, mas, se ele a faz, isso supõe negar as autoridades, os valores existentes, que limitam o possível.”

(Marcel Bataillon, “Crítica da servidão dogmática” [1992, p.15])

Complexa, intensa, humanista, algo descontínua é a formação intelectual

de Portella. Pois ao longo de sua vida colheu e cultivava com intensidade experiências múltiplas, ideias e o convívio intelectual com pessoas e “escolas” de diferentes quadrantes, com invejável e sempre renovada memória de cidades em que viveu, de escritores e artistas, valores ou delicadas percepções, que hoje recolhe e sedimenta na Praia do Flamengo, 332, na cidade do Rio de Janeiro. Onde, na companhia de sua mulher e colaboradora Célia Maria Portella, e da filha atenta, Mariana, o professor escreve, lê, conversa ao telefone (ainda mais que Drummond conversava) e ouve clássicos da música. Dentre os quais o notável Paulinho da Viola, provocando em alguns de seus amigos, ortodoxos ou desatentos do ponto de vista musical, revisão da própria noção do que seja um “clássico”...

Cidadão do mundo Portella é. Pois registra em sua biografia as marcas existenciais, inspirações e ideias colhidas ao longo da jornada, como as do complexo mestre Bataillon, em Paris, de quem, na flor de seus 22 anos, ouviu aulas no Collège de France. Com o filólogo e filósofo aprendeu que “os pressupostos dogmáticos deram limites indevidos à experiência: aquele que já sabe não pode ir além de um horizonte conhecido”... (Bataillon, 1992, p.11).

Com tal impulso, o jovem Eduardo se tornaria um dos mais expressivos *intelectuais públicos*⁴ do país. Voltemos um pouco à sua biografia.

Nascido em Salvador, Bahia, no dia 8 de outubro de 1932, lá permaneceu até os 15 anos. O pai espanhol, Enrique Portella, era comerciante, e sua mãe, brasileira, Maria Diva Mattos Portella, foi educadora durante vários anos. Na Bahia, seu curso secundário foi iniciado em sua cidade natal, prosseguido em Feira de Santana e completado no Recife, Pernambuco, para onde foi levado pelas mãos de um tio, João de Oliveira Mattos.

Recife, com denso passado histórico, capital cultural do Nordeste, constituía um centro urbano vivo, sólido, com traços cosmopolitas, onde ainda se evocava a presença e a expulsão dos holandeses, o papel do Seminário de Olinda do bispo ilustrado Azeredo Coutinho, a Revolução de 1817 e a Confederação do Equador de 1824, a Revolução Praieira de 1848... Naquela urbe, em alta tensão, produziram-se reflexões e obras que veiculavam interpretações novas e candentes sobre nossas realidades, sobretudo as da capital pernambucana, de Frei Caneca a Tobias Barreto e Joaquim Nabuco, e de Oliveira Lima a Gilberto Freyre. E muita poesia, de Manuel Bandeira a João Cabral de Mello Neto. Pois foi naquele universo que se formou a imaginação de Portella, um “baiano pernambucano”.

Alguns intelectuais pernambucanos que migraram para o Rio ou Paris, como Manuel Bandeira e Cícero Dias, jamais cortaram suas raízes pernambucanas, à semelhança do que se passou com o mineiro Carlos Drummond no Rio, em relação a Minas Gerais. Ademais, Recife polarizava outros centros urbanos do Nordeste, de Natal e Fortaleza a Salvador. Intelectuais como José Américo, Rachel de Queirós e Luís da Câmara Cascudo eram vistos com frequência nas ruas e livrarias recifenses.

Recife foi a cidade na qual o jovem Eduardo se fixaria, ao contrário de muitos outros intelectuais nordestinos de seu grupo-geração que então migraram para o Sul, atraídos pela vida na capital da República (como mais tarde ocorreria após a criação de Brasília). Ao lado do Rio de Janeiro, Recife era o centro urbano brasileiro para o qual confluíam os melhores contatos internacionais, que vinham adensar e dar publicidade às intensas e inovadoras reflexões sobre a identidade do país. Ah! a “identidade nacional”! Confirmam o fato a produção variada e a enorme divulgação da obra de Gilberto Freyre no país e no exterior, fenômeno sem paralelo no Brasil, sequer comparável com a divulgação – àquela altura – das obras de José Américo, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, e mesmo de Rachel de Queirós e Jorge Amado. Ou, um pouco mais tarde, quase de sua geração, Ariano Suassuna, nascido em 1927, mas em João Pessoa...

A formação de Portella em Recife deu-se no período de 1949 a 1951, quando estudou na Faculdade de Direito, sede da tradicional Escola de Direito. O clima intelectual liberal o contagiou, com discussões e propostas do regionalismo nordestino, animado pelo prestigioso autor de *Casa grande & senzala*, tudo contrastando com o que se produzia no eixo Rio-São Paulo. Aluno ainda no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, Portella já escrevia críticas na imprensa, tornando-se colaborador regular no *Diário de Pernambuco*, levado por Mauro Mota. Na comunidade cultural recifense, centralizada pela figura de Freyre, Portella cai nas graças do sociólogo, que o incentiva para escrever na imprensa e logo o apadrinhará em seu primeiro livro, assinando o prefácio.⁵

Traço marcante desde o início de sua vida como crítico e escritor foi a busca da interlocução com outros intelectuais de seu tempo, dentro e fora do país. Depois de formado, o novo horizonte vislumbrado foi naturalmente a Europa. Em 1952, partiu para Paris e depois Roma, onde circulou por alguns cursos universitários livres, incluindo as aulas de literatura italiana de Giuseppe Ungaretti. Naquele momento de reconstrução do pós-guerra, ideias e projetos fervilhavam por todo lado, descortinando insuspeitados horizontes para o jovem provinciano.

O existencialismo e a postura intelectual de Sartre sideraram-no, mais que as ideias e textos de Heidegger, de quem não obstante Portella será o primeiro a divulgar as obras no Brasil. Ainda em Paris, além das complexas aulas de literatura ministradas por Bataillon no Collège de France e na Sorbonne,⁶ sua relação mais intensa no campo das ideias seria com Sartre, que o inspira teoricamente naquele momento e, anos depois, na criação de uma publicação semelhante a *Les Temps Modernes* no Rio de Janeiro. Sartre e Simone de Beauvoir viriam ao Brasil por sua iniciativa.

Viver em Madri

Ainda naquele ano de 1952, Portella parte para Madri, cidade que marcará sua vida e sua formação, tanto quanto Recife. A partir da capital espanhola, mergulha no universo cultural ibero-americano. Com efeito, a estada em terra

espanhola no período de 1952 até 1955 permitiu-lhe compreender nossas raízes ibéricas sob nova luz e, ao mesmo tempo, construir um novo ponto de vista sobre a Europa, sobre a literatura, a filosofia, o mundo.

Na capital espanhola, estuda letras e filosofia com mestres referenciais como Dámaso Alonso, Xavier Zubiri, Carlos Bousoño (“poesia é comunicação”) e Julián Marías. Seu mestre Dámaso ajuda-o a distanciar-se do impressionismo e do achismo: com ele Eduardo se inicia no aprendizado de métodos e técnicas para analisar obras literárias, sobretudo as de poesia, aprimorando seu conceito de estilística. Já mais bem instrumentado, enfrenta a leitura de clássicos como Garcilazo de la Vega e San Juan de la Cruz, exercitando-se no mundo dos sintagmas analíticos e dos sintagmas sintáticos, e daí por diante. Uma referência deveras importante, vê-se ainda hoje, a obra de Dámaso Alonso (s. d.), *Poesía Española (Ensayo de Métodos y Límites Estilísticos)*.

Por sua vez, Marías teve papel importante na formação de Portella, até porque foi por seu intermédio que ele se introduziu no mundo de José Ortega y Gasset, uma das maiores figuras da constelação cultural e política espanhola. Mas foi o mestre Xavier Zubiri quem o levou a aprofundar seus estudos e reflexões no mundo da metafísica (“inteligir e sentir não só não se opõem, mas, apesar de sua essencial irreducibilidade, constituem uma só estrutura”).⁷ Além da literatura, a filosofia será doravante outro campo permanente de suas indagações, talvez com menos metafísica e crescente inquietude existencial histórico-concreta... O tempo, como por vezes acontece, ajuda a depurar excessos.

Sua inquietude algo juvenil levou-o a procurar, além de professores, alguns escritores em evidência, que lhe aguçam o interesse pelo ofício de escrever. Cada vez mais a literatura despontava como seu campo dileto. Com efeito, em 1953 e 1954 encontra-se o jovem em Madri batendo à porta dos notáveis escritores Pio Baroja e Azorin, além de três detentores do Prêmio Nobel da Literatura: Camilo José Cela, Vicente Aleixandre e, mais idoso, Jacinto Benavente.

Não fazia parte da tradição dominante no Brasil a ida de estudantes e pesquisadores para a Espanha. Os principais centros procurados no exterior sempre foram Paris, Londres e Berlim. Só mais tarde os Estados Unidos despontaram como centro cultural de interesse para jovens brasileiros, para onde se dirigiram Gilberto Freyre, Anísio Teixeira, Monteiro Lobato, Viana Moog, Érico Veríssimo, Afrânio Coutinho...

Portella como que “descobre” a rota alternativa espanhola no fluxo das relações Brasil/Europa, por conta talvez de seus ancestrais paternos espanhóis. A cultura espanhola o chama e atrai, do mesmo modo que Paris siderou sucessivas gerações de intelectuais brasileiros desde o século XIX. Vale observar, todavia, que *a Escola de Madri* se destacava no cenário internacional como importante vanguarda não apenas na filosofia, muito sintonizada com o que se produzia na Alemanha e na França. Em Madri, Ortega y Gasset polarizava uma brilhante constelação intelectual e política, da qual era seu pensador maior.

Madri era forte sobretudo nos estudos literários. Como observou Carlos Sepúlveda (2003, p.27), na biografia sobre o crítico e ensaísta brasileiro:

É preciso, no entanto, ressaltar que a Escola de Madri praticava então um dos mais avançados debates intelectuais do pós-guerra e divulgava, na área da Teoria Literária e da Estilística, o diálogo herdado diretamente da tradição da linguística de Ferdinand de Saussure e de Karl Vossler, através de críticos como Leo Spitzer e Charles Bally.

Sobre Ortega, muito presente na formação de Portella, lembra Sepúlveda: “Na filosofia, ainda brilhava incólume, a chama infatigável do mais brilhante pensador espanhol do século XX: Don José Ortega y Gasset” (ibidem).

O autor da biografia intelectual de Portella, que faz notar a presença de Heidegger e Sartre no debate filosófico espanhol, comenta:

Não era somente nova, mas em muitos aspectos fortemente combativa, no quadro do franquismo de então. Não era, certamente, um debate filosófico rigorosamente acadêmico e sistemático, mas antes um ensaísmo combativo e fascinante, num momento raro em que a lucidez do filósofo harmonizava-se com a compreensão popular. Um momento em que a cortesia do filósofo era a clareza. Vivia-se, em grande parte, a herança da “geração de 27” (García Lorca, Guillén, Salinas, Alberti, Buñuel) ou de seus renunciadores (Juan Ramon Jimenez, Machado, Unamuno, Ortega). Embora exilados ou mortos, esses nomes circulavam com suas idéias no meio intelectual, até porque, na Espanha, eles eram voz que ditava a esperança. (ibidem)

Portella, ensaísta (e) crítico

O ensaísmo combativo e o vigor da crítica literária de Portella, duas de suas características marcantes, vêm dessas filiações multigeracionais e desse clima. Trata-se de ensaísmo combativo e respirado o seu, solidamente baseado na crítica, instrumentado na estilística e na percepção da importância do aparato histórico-filológico para a análise literária. Naquele período, absorveu ele tudo o que pode haurir em fontes e mestres, do que de melhor havia na França e Itália. E que em seguida, ainda jovem, soube aprimorar-se na Espanha, ora somando, ora confrontando teorias, métodos, estilos para criar o seu próprio, posteriormente. Mais adiante, em seguida à instrumentação na filologia, em seus caminhos pela escrita – ou melhor, pela linguagem – recorrerá à hermenêutica, instrumento essencial para adensamento e rigor da consciência comunicativa. Não por acaso Portella é um dos inovadores no campo da comunicação literária no Brasil. No trajeto, o encontro com a Escola de Frankfurt.⁸

O conhecido artigo de 1958 de Tristão de Ataíde, sobre o primeiro volume de uma série de volumes sob o título *Dimensões*, editado pela José Olympio, se significou enorme estímulo, também acarretou grave responsabilidade ao novo crítico. Pois o conhecido e severo escritor colocou o novato de 25 anos em patamar muito alto:

Um jovem crítico como Eduardo Portella, que publica aos vinte e poucos anos o primeiro volume de uma série de *Dimensões*, em que se coloca como ela mais

atual da cadeia que já os teve tão ilustres como um Silvio Romero, um José Ve-
ríssimo, um Araripe Júnior, um João Ribeiro, um Ronald de Carvalho, um Agri-
pino Grieco, um Sérgio Milliet, um Álvaro Lins, um Afrânio Coutinho, e com
eles já pode ombrear de saída – é sinal de que, se em 1928 pudemos exclamar
“Romancista ao Norte” [sobre *Bagaceira*, de José Américo], trinta anos mais
tarde podemos repetir com alegria: crítico ao norte! (Nejar et al., 1985, p.17)

Com o tempo, a continuidade do vigor e a crescente acuidade de Portella
como ensaísta permitiram-lhe aprofundar o próprio *conceito de ensaio*, como se
constata em texto de sua autoria escrito em 2000, “O ensaio como ensaio”. Não
por acaso um de seus melhores ensaios, focalizando justamente...o ensaísmo:

O ensaio foi sempre um discurso diferente, que se atira ou se precipita, sem o
menor receio, sobre rupturas e interstícios do sistema.. o ensaio é ele mesmo
uma fronteira, e se sente muito a gosto nos desempenhos interdisciplinares. [...] De tal modo que, cercado e quase subjugado pela pressão formalista e norma-
tiva, exacerbada sob a égide de metodologias mais ou menos rígidas, mesmo aí,
ele se reafirma o seu traço fronteiro e expõe seu rosto crispado. A sua impre-
visibilidade decorre desse dinamismo congênito. A vivacidade do imprevisível
só é proporcional à lassidão do ociosamente previsto. O ensaio se fortalece na
interlocução explícita ou implícita. (Portella, 2000a)⁹

Nesse texto encontram-se algumas das melhores páginas de Eduardo Por-
tella, com formulações que convidam o leitor à meditação tranquila, levando-o
às profundezas da *escrita*, sobretudo dos ínvios caminhos que vem ela trilhando
nestas primeiras décadas do século XXI:

O ensaio convive com o fracasso, sem deixar transparecer o mínimo temor e a
mínima resignação. Nesse estranho sentido o ensaio é talvez uma opção revo-
lucionária, mas que conseguiu se desfazer do terror. Já conseguira desfazer-se
do conformismo burocrático, esse vírus incurável dos gêneros literários. Pedir
ao ensaio que seja sistêmico corresponde a pedir-lhe que deixe de ser ensaio. É
antes de mais nada ignorar o seu vinco, a sua fisionomia múltipla e inconfundí-
vel; conturbada, por vezes, na voragem da demonstração e da desconstrução.
(ibidem)¹⁰

Portella e Milliet: aproximações

“Eduardo Portella, em Dimensões I, dá-nos uma amostra do seu talento, de seu
bom gosto, de sua maneira elegante de ventilar os aspectos mais complexos da
literatura. Sem retórica, com simplicidade e clareza, interpreta, elucida, aprecia,
evitando julgar em definitivo. Sensível, fala com a mesma penetração de um poeta
como de um romancista. Lê-lo é um prazer. Quero apontar o novo crítico como
um dos mais capazes e respeitáveis entre nossos críticos em atividade.”

(Sérgio Milliet (1959), na “orelha” de Dimensões, II)

Tal definição de ensaio permite-nos derivar um pouco, para entender-se o
estar-no-mundo de seu autor na atualidade, o próprio crítico, já agora consagra-
do. Nas páginas do ensaio, de certo modo autobiográficas, chama a atenção do
leitor, mais do que outras de sua autoria no mesmo diapasão, sua afinidade com

a visão de mundo, de cultura e de crítica do escritor paulistano Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966), a despeito da diferença geracional.

Milliet, um dos principais críticos e ensaístas de nossa história literária e da cultura, participou da Semana de Arte Moderna e mais tarde, amigo e interlocutor preferido de Mário de Andrade, faria um balanço severo, porém sereno do Movimento Modernista, como o próprio Mário o fez. Milliet foi a um só tempo modernista e crítico do modernismo, como se constata em várias páginas dos dez volumes de seu *Diário crítico*, publicado com perfeito estudo introdutório de Antonio Candido. Estudou e trabalhou na Suíça, na França e em São Paulo, foi amigo de Malraux, Romain Rolland, Cendrars, Mário, Tarsila, Brecheret, Drummond, Bandeira, Aníbal Machado, Lygia Fagundes Telles, Rebolo, Luís Martins e, mais tarde, de João Antônio – para evocarmos alguns nomes apenas.

Eduardo Portella o conheceu, mas não o frequentou, como frequentou pouco a intelectualidade paulistana, imerso que estava no universo carioca.¹¹ Para o bem e para o mal, seus contatos com o mundo não passavam por São Paulo. O fato é que Milliet, também crítico, atuou generosamente como homem-ponte entre várias gerações, com sua mente viajada e interdisciplinar, como Portella. Cultivava ceticismo bem calibrado e amadurecido, sempre sob a inspiração de Montaigne (como Portella), e um pouco menos, de Gide, Cendrars, Péguy, Apollinaire. E, menos ainda, de Claudel e poucos outros...¹²

Milliet foi historiador, crítico, administrador cultural, cronista do jornal *O Estado de S. Paulo*, tradutor, ensaísta, poeta, historiador. *Escritor*, enfim. O mais paulistano e cosmopolita de todas as gerações, Milliet foi discreto cidadão do mundo, popular sem ser populista, erudito sem ser pedante, um “homem ponte” entre sua geração e os mais novos (os da geração de 45, a dos “chatoboy”, dos “novíssimos” e as subsequentes). E “ponte” também entre a Europa, os Estados Unidos e nós. Organizador de Bienais, foi ainda professor, aliás um dos fundadores da Escola Livre de Sociologia e Política, e nos anos 1940, lecionou História da Arte na Universidade Mackenzie. Milliet participou da criação da Universidade de São Paulo (USP), porém, estranhamente, dela não foi professor, nem deixou assistentes e sucessores. E foi também, durante breve período, ligado à Unesco.

No texto conceitual sobre ensaio, Portella explicita, como em poucos outros escritos, por que cultivava essa acendrada vocação interdisciplinar. Com efeito, seu principal instrumento de trabalho é o ensaio (que requer leveza e talento especial, para não haver perda de densidade), e que pressupõe a rejeição contumaz de teorias e metodologias rígidas. Metodologias, teorias e autores que estudou e conhece como poucos, sobretudo no campo da literatura e da crítica, para satisfazer a ardente curiosidade intelectual e existencial que o leva a procurar o *imprevisível*, fugir dos limites convencionais para dialogar com o *outro*. Busca incessante, talvez por vezes insensata, que teve início naquele fim de sua adolescência, ou pouco antes. Em Milliet, os curtos ensaios, muitos de

cunho pessoalíssimo, também revelam essa procura do *outro*, a busca do sentido da arte, a valorização da historicidade dos fatos, a tensão sociológica, e o lugar da crítica para se pensar o Brasil a partir de uma compreensão cosmopolita do que somos.

Em suma, curiosa a confluência (ou quando menos aproximação) de posturas desses dois grandes críticos e ensaístas, Milliet e Portella, em que pese (re-pita-se) a diferença de gerações, matrizes e formações. Transitaram por muitos campos das letras, da filosofia e das Humanidades em geral, porém sobretudo voltados às obras de literatura. Milliet, um dos criadores do *Boletim Bibliográfico* da Biblioteca Municipal Mário de Andrade de São Paulo, foi secretário do revelador I Congresso de Escritores Brasileiros em 1945, naquela Biblioteca; como Portella, um estimulador da produção e da crítica literária em todos os níveis. Da mesma geração de Freyre, de quem era amigo, Milliet foi um paulistano com formação na Suíça e na França (“Serge Milliet”, como era conhecido¹³), enturmado com Alcântara Machado, Tarsila, Mário de Andrade, Anita Malfatti, Manuel Bandeira, Brecheret, Rebolo e constelação.

Portella, baiano-pernambucano, marcado pela cultura europeia, um pouco pela França, é sobretudo à cultura espanhola que deve sua formação, um tanto fora do *mainstream* dos jovens que se dirigiam para estudar na Europa, como vimos; no início apadrinhado por Freyre, logo voltou-se para a teoria literária, militando na docência e na ação cultural e política. Publicista desde cedo, com atuação em vários postos, inclusive na alta direção da Unesco, foi destacado diretor da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.¹⁴ Milliet, poeta e publicista, notável tradutor de Montaigne, Sartre, Simone de Beauvoir e outros, inspirador das primeiras Bienais internacionais, crítico de arte e de literatura em geral, personagem ativo no aparelho cultural do Estado de São Paulo, ex-professor da Escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo (universidade que ajudou a criar), foi o marcante diretor da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, e atuou junto à Unesco e à Fundação Rockefeller.

Enfim, muitas afinidades a assinalar. Ambos críticos notáveis, ensaístas, cosmopolitas, ativistas culturais, mentes interdisciplinares. Além de alimentarem visão atualizada e densa e da cultura contemporânea no Brasil. A marca da generosidade para com as novas gerações também é uma característica comum aos dois.

Num futuro “mapa” da cultura brasileira contemporânea, deverão os dois críticos ocupar lugares do maior destaque, considerando-se tal paralelismo e similitude... Pois poucos intelectuais brasileiros analisaram o mundo da cultura como ambos o fizeram, cada um em seu tempo, focalizando a lenta e profunda *crise da modernidade*. Em perspectiva transdisciplinar, ampla e respirada que sempre cultivaram.

* * *

Voltemos a Madri. No caso de Portella, é grande a dívida para com a cultura espanhola. Como vimos, sua estada na capital foi decisiva naqueles verdes anos em que, no campo dos estudos literários – sobretudo no campo da teoria literária, ainda modesta no Brasil –, a chamada Escola de Madri estava no auge. Diga-se, porém, que, além de seus sempre referidos mestres Dámaso, Zubiri, Bousoño, Mariás, pesou também, em sua visão de mundo como na construção de um estilo próprio, o conhecimento da obra, da imagem intelectual e da ação de D. Miguel de Unamuno (Bilbao, 1864-Salamanca, 1936), venerando autor de *Do sentimento trágico da vida*, ex-professor de grego e ex-reitor da Universidade de Salamanca, e sobretudo de José Ortega y Gasset (1883-1955), mente histórico-literária e filosófica, ambos decisivos para sua vocação de ensaísta, sobretudo o segundo.

Das atitudes de Unamuno, humanista vasco e ex-reitor da Universidade de Salamanca, basta mencionar a ira com que, em 1927, advertiu o ideólogo falangista Giménez Caballero, editor da *La Gaceta Literaria*: “No consiento que se someta ni una sola línea de mis escritos [...] a la censura de la tiranía”.¹⁵

A marca orteguiana

Dos espanhóis, foi porém Ortega y Gasset quem mais ocupou as leituras e releituras de Eduardo Portella ao longo de seu caminho. Pertencente à geração europeia de 1914, o madrilenho Ortega marcou distância da veneranda geração de 98. Foi o grande contemporâneo espanhol de Heidegger, Gabriel Marcel, Thomas Mann, Curtius, Virginia Woolf, Keynes, todos responsáveis por uma nova visão de mundo e de Europa.

Como seus amigos de geração Pio Baroja e Azorín (que Portella conheceu, como vimos), Ortega se preocupava com a regeneração da Espanha e, como tantos estudantes de sua época, dirigiu-se para a Alemanha (1905), onde estudou com os neokantianos Cohen e Natorp. Ao retornar em 1910, obteve a cátedra de Metafísica da Universidade. Seu primeiro livro é *Meditaciones del Quijote* (1914), e a partir de então volta-se também para o periodismo, funda o jornal *El Sol* (1916) e poucos anos depois, a *Revista de Occidente* (1923). Ora, naquele mesmo ano, instalava-se a ditadura do general Primo de Rivera. Ortega, republicanista militante, é eleito deputado, mas desgostoso com a política, renuncia, retornando à vida acadêmica. Com a Guerra Civil em 1936, que ele previra desde 1932, exila-se na Argentina e depois em Portugal, onde passa a residir. Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, retorna à Espanha, onde mantém atividade pública durante o franquismo, dando conferências e cursos com frequência na Alemanha. Seu enterro em 1955 provocou a primeira grande manifestação pública de oposição contra o franquismo, como recorda Antonio Garrigues Walker, atual presidente da Fundación Ortega y Gasset.

Ortega desempenhou então papel institucional como docente e intelectual crítico, e representou o elo que conectou a Institución Libre de Enseñaza com a Faculdade de Filosofia y Letras reformada. “Nos começos dos anos 30”,

diz Garrigues Walker, “a Faculdade se encontrava entre as melhores da Europa, onde ensinavam, entre outros, Besteiro, Zubiri, Morente, Gaos, Zambrano e Ayala”.¹⁶ Além do exemplo de docente militante que associa a atividade crítica e filosófica à de publicista e editor, Ortega influenciou o jovem Portella também por sua faceta de *ensaísta*. Ensaísta com amplas preocupações histórico-culturais e intensa inquietação quanto ao destino de seu país, em tantos aspectos semelhantes ao Brasil. De fato, um dos temas mais martelados pelo liberal Ortega era a falta de articulação da sociedade civil em seu país. Uma sociedade muito dependente do Estado, esperando que todas as soluções venham a ser dadas por ele, como no Brasil. Suas obras *Espanha invertebrada*, *Discursos políticos*, *Ensaaios escolhidos*, *Cartas de um jovem espanhol*, *Origem e epílogo da filosofia* e, sobretudo, *A rebelião das massas* e *Historia como sistema* colocam-no na linha de frente do pensamento ocidental naquele momento.

Sua abertura para a América Latina, lembrando aqui que por um curto tempo Ortega exilou-se na Argentina, modificou a atitude mental e política de quantos foram deveras influenciados por esse escritor:

“Esa Europa mejor a la que aspiramos no puede ser, por lo pronto, sino en América. La viceversa es tambien verdad: América no puede ser sino una Europa mejor”, publicou em La Prensa a 19 de setembro de 1911, entusiasmado com a Argentina. *“Tu eres mi mejor yo”*, escrevia, citando o poeta inglês Shelley e lembrando-se de Ruben Darío, *“el indio divino”*: *América, muy especialmente Centro y Sud-América, es para nuestra vieja y melancólica sensibilidad metropolitana, un enérgico canto de vida y esperanza.*

Como se constata, Ortega e Portella, de diferentes gerações, também atuaram como homens-ponte entre uma sonhada e particular “*Europa mejor*” e a complexa e idealizada “*América*”. No caso, o jovem Portella, estudante em Madrid, representava o vice-versa sinalizado por Ortega y Gasset...

No Brasil, nos últimos anos do Estado Novo e um tanto à margem dessa delicada “ponte” América-Espanha, o crítico Sérgio Milliet, já quando a Segunda Guerra parecia chegar ao fim, preconizava em 1944 uma rebelião mais profunda do que a rebelião vislumbrada pelo autor de *Espanha invertebrada*: “Não posso deixar de aplaudir essa rebelião de uma elite que há de preceder a das massas. Não no sentido daquela rebelião aristocraticamente temida por Ortega y Gasset, mas num sentido mais vertical e eficaz” (Milliet, 1945, v.3, p.93-4).¹⁷

Os ares respirados pelo jovem Portella ainda estavam impregnados dos valores da geração de 27, à qual pertenciam Dámaso Alonso e Rafael Alberti. Difícil avaliar nestes tempos atuais de tantas pós-modernidades desencontradas, globalizações sem rumo, filiações intelectuais apagadas e banalização de metodologias mal digeridas, a importância do legado da geração de 27. À qual, vale lembrar, tecnicamente pertenceram Buñuel e Salvador Dalí, além, claro, de Alberti. O quanto não terão eles pesado na formação da mentalidade do jovem Portella, atento ontem como hoje a tantos legados e desafios político-culturais?

No Rio

“a cidade terá que repor seus estoques de felicidade possível”.
(Eduardo Portella, 1998)

Banhado no *ethos* e no clima intelectual carioca dos tempos do Rio de Janeiro quando ainda capital do país, Portella esmerava-se empenhadamente em ser a um só tempo cosmopolita e nacional.¹⁸ Pois o fato é que, desde a virada dos anos 1950 para 1960, esteve ele presente e ativo na Cidade Maravilhosa, em um dos momentos histórico-culturais mais estimulantes de nossa história, quando o Rio, sem perder a graça, deixava de ser capital e, no coração do Brasil, Brasília abria novos horizontes. Sem nos esquecermos de que o presidente Juscelino trouxera para o país um ar de modernidade, mudando o *mores* coletivo, acenando para um futuro risonho: não por acaso foi consagrado com o epíteto “presidente bossa-nova”, em contraste com a *persona tragica* de Vargas, que se suicidara, e com a de Café Filho, figura de exemplar mediocridade (como o ex-presidente Dutra, aliás).

O Rio de Janeiro foi decisivo nesse segundo momento de sua formação. Adquiriu na “Corte” percepção ao mesmo tempo mais suave e profunda da vida cultural no Brasil, e da vida em geral. Dissipou-se em sua personalidade o que restava do suave provincianismo pernambucano e do rígido formalismo exercitado na Europa. Condição ideal para melhor compreender o novo enraizamento da cultura europeia, em suas múltiplas vertentes e variados matizes, em terras americanas.

Na força dos trinta anos, conviveu ele com personalidades que faziam a diferença na vida urbana carioca, fossem cariocas nativos, como Vinicius de Moraes, Antônio Carlos Jobim, Carlos Lira, Elizeth Cardoso, Sergio Porto, Di Cavalcanti, a muito jovem Nara Leão. E com os “cariocas adotados” (o termo vale para ele próprio), como é o caso de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Darcy Ribeiro, Pedro Nava, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, João Gilberto e dezenas de outras personalidades *culturais* de grosso calibre e fina sensibilidade, como Celso Furtado. Nas casas de alguns intelectuais (como Plínio Doyle), de músicos, em bares, *lobbies* de hotéis (como o Copacabana Palace, onde o pianista Sacha sabia de tudo), restaurantes (como o Lamas) e bares, a vida era intensa e boa. Portella circulou muito e aspirou esses ares, o “clima” que o marcaria para sempre.¹⁹

No Rio, encerrava-se naquela virada de década toda uma época histórico-cultural, deixando para trás a citada “consciência amena de atraso” de que falava Antonio Candido. Pois foi no ano de 1958 que, sinalizando o surgimento de uma nova mentalidade, de uma outra concepção de vida, de amor e de texto, nasceu a bossa-nova, com o lançamento do *long-playing Canção do amor demais*, com músicas de Jobim em parceria com Vinicius, cantadas por Elizeth Cardoso; nele, pela primeira vez, ouviu-se a batida da bossa-nova no violão de

João Gilberto, em algumas faixas, inclusive na canção “Chega de saudade”, um marco histórico.

“Desconstrução”: mudança de paradigmas e de mentalidade

Mas a canção que inaugura os novos tempos, a viragem mental, foi “Desafinado”, composição de Newton Mendonça com a letra notável de autoria de Antônio Carlos Jobim, que sinalizava a “desconstrução” de uma série de valores e códigos culturais que os linguistas e filósofos custaram a perceber. Novos paradigmas, em letra como na composição.

Naquele mesmo ano de 1958, em que uma nova mentalidade despontava no país, Portella publicava *Dimensões I...* Com efeito, 1958 assistiria também ao lançamento do filme *Orfeu negro*, de Marcel Camus, que obteve a *Palme d’Or* do Festival de Cannes e o “Oscar”, de Hollywood, como o melhor filme estrangeiro do ano. Baseado em *Orfeu da Conceição*, a peça teatral escrita por Vinicius de Moraes em 1954, com música de Jobim, foi encenada no Rio de Janeiro com cenários de Oscar Niemeyer.

A partir daquele ano, a vida carioca ganhou nova dimensão, marcada pelos shows e composições musicais de Vinicius com o “virtuoso do violão” Baden Powell: os afro-sambas “Berimbau” e “Canto de Ossanha” tornavam a África mais próxima e evidente em nossa formação cultural, retirando-as do folclorismo mais ou menos inconsciente. Músicas essas já de 1962, ano em que Vinicius fez seu primeiro show, com Jobim e João Gilberto, na boate *Au Bon Gourmet*, onde seriam lançados “Garota de Ipanema” e o “Samba da benção”, logo sucessos nacionais e internacionais.

De fato, a partir desses marcos da história da cultura, uma *viragem mental* trouxe a profunda renovação de valores, estilos, concepções e outros ares para produção cultural no Brasil, inclusive na universidade, Brasília à frente, mas também em outras entidades, como a Faculdades de Filosofia que se afirmavam nas principais capitais. O Cinema Novo dava então seus primeiros passos, a Editora do Autor, a Editora da Civilização Brasileira, a Anhembi, a Revista Brasiliense e outras abriam novas perspectivas para o livro. Momento em que Drummond, Rubem Braga e Fernando Sabino pontificavam, sobretudo nas crônicas. À esquerda, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa, entre tantos, produziam e refletiam sobre vanguardas, subdesenvolvimento, a política, o futuro do país.

Desse clima Portella absorveu muito, aderiu e se renovou, inclusive em sua postura social e pública, deixando de lado os formalismos à espanhola, abrindo-se para uma visão mais empenhada e crítica da questão da cultura. Arejava-se enquanto cidadão do mundo, mas absorvendo tudo o que o Rio podia lhe oferecer. E não era pouco, pois para o universo carioca convergiam então intelectuais, políticos, empresários, jornalistas, artistas, escritores de todo o país e do mundo. Esse o contexto histórico-cultural e político em que se deu o nascimento da *Revista Tempo Brasileiro*, no ano de 1962; nas páginas de sua revista e de seus livros editados em associação com seu irmão Franco, corre muito da vida de Eduardo Portella.

Talvez o Rio de Janeiro, onde mora, mais que Madri, Paris ou Recife, seja a cidade que melhor permite compreender-se hoje a síntese denominada Eduardo Portella.²⁰

Daí para a frente, sua história é mais conhecida.

Notas

1 Este artigo é uma continuação daquele publicado no nº 76 anterior desta revista.

2 A crítica ao modo de conceber de modo (por assim dizer) “tropicalizante” a chamada cultura brasileira foi mais duramente comentada por Alfredo Bosi (s. d., p.457): “e tudo se dissolve no pitoresco, no ‘saboroso’, no ‘gorduroso’, no ‘apimentado’ do regional”.

3 Ver o artigo de Celso Lafer (2011, p.2), “Variações sobre o tempo”.

4 Utilizo esse conceito no sentido de que, além de escritor, crítico e ensaísta, Portella também pode ser considerado *publicista*, na acepção que o termo adquiriu sobretudo após a Revolução Francesa. Ou seja, um intelectual que se propõe a tornar *públicas* suas ideias, seja por meio da imprensa, da administração etc., para intervir na vida social e política. Mais recentemente, o historiador francês Pierre Nora publicou em 2011 seus textos de intervenção e memória sob o título *Historien Publique* (Gallimard, 2011).

5 Décadas depois, no período de abertura política do presidente Figueiredo, Freyre também apadrinhou a indicação de Portella para o Ministério de Educação, Cultura e Esportes. Em entrevista a Ricardo Noblat, para a revista *Playboy* de março de 1980, Freyre confirmou o fato. Vale a pena reproduzir trecho da entrevista, que esclarece tanto a atuação de Freyre quanto o sentido da indicação de Portella:

“Playboy – *Ao assumir a presidência do governo revolucionário, Castello Branco convidou-o para ser o ministro da Educação. Por que o senhor não aceitou?*”

Freyre – Porque senti que não estava havendo uma revolução, mas sim uma substituição dos quadros governamentais, e isso não me interessava.

Playboy – *Embora não aceitando ser ministro, o senhor ajudou a fazer vários, nestes últimos 16 anos, não é? Por exemplo, o senhor não ajudou na indicação do atual ministro da Educação, Eduardo Portella?*

Freyre – Ajudei.

Playboy – *Por quê?*

Freyre – Bom, esse é um problema complexo, que se relaciona com a própria presença brasileira como conjunto, por exemplo, desde 1964. Desde então o Brasil tem, não é novidade nenhuma, uma imagem desfavorável no exterior, a imagem de um país militarizado.”

Sobre as torturas, em que se esmerava o regime de 1964, Freyre foi categórico: “A prática de tortura é sempre uma coisa abominável”.

6 Naqueles anos, *grosso modo*, de 1943 a 1954, Bataillon mergulhara na problemática de assuntos pouco convencionais, de que se ocuparia em aulas e livros, atraindo ouvintes de todas as partes (como depois o faria Roland Barthes...). Os temas que enfrentava fugiam à tradição acadêmica francesa, tais como “crítica da servidão dogmática”, a morte vista como impostura, a “comunicação”, Nietzsche, o riso, Deus, o tempo etc.

tratados com forte componente autobiográfico. No seu livro *A experiência interior*, que reúne ensaios e apontamentos daquela época, Bataillon (1992a, p.42) explicitava: “Mas em mim tudo recomeça, nada, nunca, está feito. Eu me destruo na infinita possibilidade dos meus semelhantes: ela aniquila o sentido deste *eu*. Quando atinjo, por um instante, o extremo do possível, pouco depois eu fugiria, já estaria *alhures*”. Nesse clima filosófico-existencial parisiense, o jovem Eduardo, então com 22 ou 23 anos, despertou definitivamente para a filosofia, e para a necessidade de ultrapassagem de fronteiras intelectuais e disciplinares.

- 7 Citado por Tarcísio Padilha (2012, p.67), no Ciclo “Pensar hoje” (coord. de Marco Lucchesi).
- 8 Ver os artigos de Carlos Sepúlveda (1985, p.77), e de Angela Maria Dias (1985, p.98). Registre-se que a *Revista Tempo Brasileiro* publicou número especial dedicado a Habermas.
- 9 Trata-se de conferência realizada em 17.9.1987, no I Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ – *Discurso e Ideologia*.
- 10 Nesse texto, o autor “dialoga” (por assim dizer) com T. W. Adorno, em seu conhecido texto “O ensaio como forma”. Portella, preocupado então com a problemática da identidade nas culturas, com a “identidade nacional” e outras identidades, regozija-se quando cita Adorno, quando este diz que “O ensaio leva em conta a consciência da ‘não identidade’, ainda sem sequer expressá-la”. Por isso, observa o crítico brasileiro, “na porta de entrada para o seu mundo, um mundo certamente desprotegido, ou antes astuciosamente protegido, o nome que se destaca é o de Montaigne [...] O ensaio vive da sua obstinada relação com o *outro*. Quase se pode dizer que o lugar do ensaio é a diferença; mas a diferença partilhada, aquela que consegue evitar o diferencialismo predatório” (p.173).
- 11 Neste centenário de Nelson Rodrigues, algumas de suas frases famosas são repetidas à exaustão, dentre elas: “A pior forma de solidão é a companhia de um paulista”... Talvez sim.
- 12 Sobre Milliet, ver, entre outros, o livro de Regina Salgado Campos (1996); de Lisbeth Rebolo Gonçalves (2005). E o volume de escritos de Sérgio Milliet (2006), com seleção e prefácio de Regina Salgado Campos, Coleção Melhores Crônicas, dirigida por Edla Van Steen.
- 13 A melhor seleção dos escritos de Milliet nesse período é *Poèmes modernistes & autres écrits*. Anthologie 1921-1932. Textes originaux français ou traduits du brésiliensien. Choix, traduction (Milliet, 2010).
- 14 Algumas de suas preocupações, e de outros estudiosos, sobre o livro, foram publicadas no n.142 da revista que dirige, *Revista Tempo Brasileiro* (jul.-set., 2000), sob o título “O lugar do livro hoje”, com artigos de Argullol, Rouanet, Bauman, Gerd Bornheim, Barbara Freitag, Carneiro Leão, Claudius Waddington entre outros.
- 15 Em *Las cartas de la ira*, por Lola Galán, no *El País*, Babelia, 5.5.2012, p.13.
- 16 Garrigues Walker, em entrevista para Babelia, do *El País*, 30.10.2004, p.2.
- 17 Ver também seu depoimento em Cavalheiro (1944).
- 18 Portella escreveu um dos mais agudos ensaios sobre o Rio de Janeiro para a *Revista de Occidente*, de Madri, “Rio, síntese aberta”, republicado na *Revista Tempo Brasileiro* (Portella, 1998, p.163). Nele, elogia a “fruição simbólica” da urbe mas aponta o

“déficit de civilidade ou de urbanidade” por conta de “grupos e gangues sublevados que vão provocando sucessivas erosões no corpo da identidade”, situação que “alguns supõem corrigir com medidas assistencialistas” (ibidem, p.163). Crítica o modelo neoliberal, “ineficiente ou desatento no combate à injustiça social”. “A cidade terá de repor seus estoques de felicidade possível, que fizeram do seu nome, em épocas não muito remotas, sinônimo de qualidade de vida”. Ou, escapando do lugar-comum, “a qualidade habilitada a fazer a vida. E, nesta hora, o papel da cultura na cena pública é verdadeiramente insubstituível” (ibidem, p.164). Nesse mesmo número da revista dedicado à *Cidade e Literatura*, coordenado por Barbara Freitag, ver brilhante ensaio da socióloga “O mito da megalópole na literatura brasileira” (ibidem, p.143-158), e a densa Introdução ao volume, de sua autoria.

- 19 Para melhor compreensão desse momento histórico-cultural, na perspectiva da História das Mentalidades, consulte-se, entre outros, o importante livro de Ruy Castro (1990). E também, sobre um personagem emblemático do período, estudado no livro de Cláudia Mesquita (2008). Abrindo a angulação de nossa análise, registre-se que, na virada dos anos 1950, assistia-se também em Salvador ao surgimento e formação intelectual de um pensamento novo, com foco na universidade federal, dirigida pelo reitor ilustrado Edgar Santos. Brotaram então novas concepções em arquitetura, teatro, música, história e cultura em geral, que permitem compreender o surgimento de obras de amigos de Portella como Glauber Rocha, e Emanuel Araújo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, do arquiteto Lelé e outras expressões culturais de vanguarda. Ver o estudo instigante de Antônio Risério (1995).
- 20 Será demasiado observar que, enquanto em São Paulo formavam-se críticos literários, historiadores da literatura e outros, sobretudo na universidade, no Rio produziam-se as matérias-primas, em obras visíveis na excelente ficção carioca, poesia (Drummond, Vinicius e outros), ensaios, memórias, crônicas (Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino) etc. para serem objeto da crítica e da historiografia paulista e nacional? Exagero talvez...

Referências

- ALONSO, D. *Poesía Española* (Ensayo de métodos y límites estilísticos). Madrid: Editorial Gredos, s. d.
- BATAILLON, M. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992a.
- _____. Crítica da servidão dogmática. In: _____. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992b.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s. d.
- CAMPOS, R. S. *Ceticismo e responsabilidade*. Gide e Montaigne na obra crítica de Sérgio Milliet. São Paulo: Annablume, 1996.
- CASTRO, R. *Chega de saudade*. A história e as histórias da Bossa Nova. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAVALHEIRO, E. (Org.) *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1944.
- DIAS, A. M. Eduardo Portella: na confluência de Frankfurt. In: NEJAR, C. et al. (Org.) *Eduardo Portella. Ação e argumentação: 30 anos de vida intelectual*. Rio de Janeiro: Antares, 1985.

GONÇALVES, L. R. (Org.) *Sérgio Milliet 100 Anos*. Trajetória, crítica de arte e ação cultural. São Paulo: ABCA/Imprensa Oficial, 2005.

LAFER, C. Variações sobre o tempo. *O Estado de S. Paulo*, 20.11.2011, p.2.

MESQUITA, C. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbos, 2008.

MILLIET, S. *Diário crítico*. São Paulo: Martins, 1945, v.3.

_____. *Dimensões, II*. São Paulo: Livraria Agir Editora, 1959.

_____. *Coleção melhores crônicas*. Seleção e prefácio de Regina Salgado Campos. São Paulo: Global Editora, 2006.

_____. *Poèmes modernistes & autres écrits*. Anthologie 1921-1932. Textes originaux français ou traduits du brésiliens. Choix, traduction, présentation et notes par Antoine Chapeyre. Toulon: Libraire Éditeur La Nerthe, 2010.

NEJAR, C. et al. (Org.) *Eduardo Portela. Ação e argumentação: 30 anos de vida intelectual*. Rio de Janeiro: Antares, 1985.

PADILHA, T. Pensar a transcendência. *Revista Brasileira*, ano I, n.71, maio-junho 2012, p.67.

PORTELLA, E. Rio, síntese aberta. *Revista Tempo Brasileiro*, v.132, p.159-66, jan.-mar. 1998.

_____. O ensaio como ensaio. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.141, p.173-8, abr.-jun. 2000a.

_____. O lugar do livro hoje. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.142, jul.-set. 2000b.

RISÉRIO, A. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.

SEPÚLVIDA, C. Eduardo Portella e a razão hermenêutica. In: NEJAR, C. et al. (Org.) *Eduardo Portela. Ação e argumentação: 30 anos de vida intelectual*. Rio de Janeiro: Antares, 1985.

_____. *Eduardo Portella, a linguagem solidária*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

TRISTÃO DE ATHAYDE. Queda para cima. In: NEJAR, C. et al. (Org.) *Eduardo Portela. Ação e argumentação: 30 anos de vida intelectual*. Rio de Janeiro: Antares, 1985.

RESUMO – Estudo do perfil biobibliográfico do crítico, professor e ensaísta Eduardo Portella, um dos principais intelectuais do Brasil contemporâneo. O artigo detém-se na análise de sua formação, acompanhando a trajetória do *intelectual público* (escritor, publicista, administrador cultural) desde os tempos de estudante na Faculdade de Direito em Recife, depois em sua estada na Europa (na Espanha, mais demoradamente, quando estudou com os mestres da Escola de Madri Bousõno, Zubiri, Marías) e, finalmente, no Rio de Janeiro, onde reside e desenvolve as atividades de escritor e homem de cultura. Tendo exercido as funções de professor de Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro (na qual é professor emérito), ocupou também altos postos em instituições e atividades culturais no Brasil e no exterior, como o Ministério de Educação e

Cultura, em Brasília, a presidência da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e a direção da Unesco, em Paris. Fundou no Rio de Janeiro o Colégio do Brasil e criou, há 50 anos, a *Revista Tempo Brasileiro*, uma das mais prestigiosas do país. É autor de várias obras, entre elas a série *Dimensões* (em quatro volumes); *O intelectual e o poder*; *Vanguarda e cultura de massa*; *Literatura e realidade nacional*; *Teoria da comunicação literária*; *Teoria Literária, fundamento da investigação literária* e *Homem, cidade, natureza*, além de importantes ensaios. Pertence a diversas instituições culturais e, desde 1981, é membro da Academia Brasileira de Letras.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria literária, Ensaio, História da cultura, Cultura brasileira, Educação, Escola de Madri, Academia Brasileira de Letras, Literatura, Modernidade, Cultura de massa, Vinicius de Moraes, Sérgio Milliet.

ABSTRACT – This essay is a study of the biobibliographic profile of the critic, professor and essayist Eduardo Portella, a leading intellectual of contemporary Brazil. It analyzes his early development and follows his path as a *public intellectual* (writer, publicist, cultural manager) from his years as a Law School student in Recife to his sojourn in Europe (particularly in Spain, where studied with Bousõno, Zubiri, and Marías, masters of the School of Madrid) and, finally, to Rio de Janeiro, where he now lives and works as a writer and man of culture. Portella was professor of Literary Theory at the Federal University of Rio de Janeiro (where he is Professor Emeritus), and also held senior positions in cultural activities and institutions in Brazil and abroad, including the Ministry of Education and Culture, in Brasília, the presidency of the National Library Foundation, in Rio de Janeiro, and the direction of Unesco, in Paris. Portella founded the Colégio do Brasil in Rio de Janeiro, and, 50 years ago, launched *Tempo Brasileiro*, one of the country's most prestigious journals. Portella is the author of several works, including the 4-volume series *Dimensões*; *O intelectual e o poder*; *Vanguarda e cultura de massa*; *Literatura e realidade nacional*; *Teoria da comunicação literária*; *Teoria literária*, *Fundamento da investigação literária* and *Homem, cidade, natureza*, in addition to many significant essays. He is a member of various cultural institutions and, since 1981, of the Brazilian Academy of Letters.

KEYWORDS: Literary theory, Essay, History of culture, Brazilian culture, Education; School of Madrid, Brazilian Academy of Arts, Literature, Modernity, Mass culture, Vinicius de Moraes, Sérgio Milliet.

Carlos Guilherme Mota, historiador, é professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Ex-diretor e professor honorário do Instituto de Estudos Avançados da USP, é professor titular de História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie. @ – cgsмотa@terra.com.br

Recebido em 11.9.2012 e aceito em 21.9.2012.

